

ESTILO REDUZIDO NA ESCRITA DE SURDOS

Reduced style in written Portuguese by deaf subjects

Lou-Ann Kleppa (UNIR)

Resumo

Neste estudo, tomamos como objeto de análise enunciados que não apresentam conectivos ou conexidade na escrita em português de alunos surdos matriculados no curso regular de Letras - Libras da Universidade Federal de Rondônia. A esta escrita peculiar, aplicamos o conceito de *estilo reduzido*, desenvolvido por Kleppa (2008, 2009, 2010 e 2018) e definido como resultado de um planejamento sintático simplificado, apresentando algumas características, a saber: não finitude (ou não há verbos no enunciado, ou não há verbos conjugados), ordem de palavras não necessariamente canônica e baixa frequência de conectivos. Os dados coletados são de escrita espontânea e foram produzidos ao longo de quatro meses num grupo de WhatsApp da turma de Libras. Para caracterizar a escrita no grupo de WhatsApp, destacamos um grupo controle (formado por quatro outros sujeitos participantes deste mesmo grupo), cujos resultados são contrastados com os do grupo de alunos surdos. Podemos afirmar que o conceito de estilo reduzido pode ser usado para descrever a fala agramática, telegramas, manchetes de jornal e a escrita de surdos aprendizes de português como língua estrangeira, mas cada um destes registros apresenta suas especificidades quanto à manifestação da não finitude, ordem das palavras e uso de conectivos.

Palavras-chave: Estilo reduzido; Escrita de surdos; Conectivos; Conexidade.

Introdução

Para este trabalho, tomamos como objeto de análise a escrita em português de quatro alunos surdos matriculados no curso (noturno) de Letras - Libras da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). A cultura surda é considerada forte em Porto Velho, e os alunos afirmam que libras é sua língua materna e português escrito sua segunda língua. Segundo Pizzio, Rezende e Quadros (2010), é pertinente distinguir o bilinguismo social do individual. Mesmo que não sejam igualmente fluentes nas duas línguas, os alunos surdos estão imersos nos universos da libras e do português escrito, ou seja, o bilinguismo social descreve a situação destes alunos.

Os dados coletados foram produzidos pelos sujeitos surdos que acompanham um grupo de WhatsApp da turma de que fazem parte. Neste grupo, 33 participantes (inclusive professores) trocam mensagens sobre aulas (se haverá ou não e quando), objetos esquecidos em sala, greve de ônibus que afeta as aulas etc. Grande atividade se deu no grupo quando uma aluna surda ficou sozinha de noite no centro da cidade, sem ônibus e

sem dinheiro para táxi, e outro aluno surdo foi resgatá-la de moto. Trata-se, portanto, da escrita espontânea dos alunos surdos, coletada ao longo de quatro meses.

O que interessa a este estudo é a descrição da comunicação sem conectivos (preposições ou conjunções, por exemplo) ou conexidade (concordância e ordem de palavras). Analisamos sentenças que apresentem pelo menos uma das seguintes características: (i) não finitude (isso significa que a sentença ou não apresenta verbo ou apresenta verbo não flexionado); (ii) ordem de palavras diversa da ordem canônica em português (tópico-comentário ao invés de S V O + adjuntos); em que (iii) não aparecem/aparecem poucas preposições ou conjunções.

(i) Sabe-se que, em libras, os verbos podem ter sua morfologia alterada através da direcionalidade, e que isso se aplica a poucos verbos (*eu telefonei pra ele/ele telefonou pra mim* têm a mesma configuração de mão e movimento, mas em direções opostas). Em termos gerais, em libras, o verbo não varia, o que explica a dificuldade dos surdos em conjugar verbos em português. Adiciona-se a isso o fato de grande parte da comunicação escrita no WhatsApp com os surdos por parte dos ouvintes se dar no infinitivo. Ouvintes (principalmente professores) escrevem, por exemplo: *Filha nascer? Ou Eu não vender nada*, com a justificativa de que assim “facilitam” o entendimento para o surdo.

(ii) Em libras, a ordem de palavras é flexível (QUADROS, 1999): ora a ordem básica das palavras é descrita como SVO (QUADROS, 1999; PIZZIO, 2006), ora como tópico-comentário ou OSV (em que o objeto é topicalizado) em virtude da alta frequência de estruturas de tópico (FERREIRA-BRITO, 1995). Neste sentido, podemos levantar a hipótese de que os surdos utilizem-se das construções de tópico para escrever em português. Contudo, a motivação para o aparecimento de estruturas de tópico é difícil de averiguar, já que a língua portuguesa também prevê construções de tópico-comentário, sobretudo no registro informal.

(iii) No tocante aos conectivos, podemos afirmar que, em libras, as preposições são menos abundantes que em português e são incorporadas ao sinal (de um verbo ou de um complemento verbal), estabelecendo relações semânticas de espaço (MIRANDA, 2014). Assim, a hipótese para o não aparecimento de preposições na escrita em português é que o surdo não perceberia a preposição como uma unidade isolada. Por fim, em libras, há poucas conjunções, sendo que algumas são importadas do português (*porque, por isso, mas*).

Outro motivo para selecionarmos estas condições de comunicação sem conectivos ou conexão ((i) a (iii)) é que a escrita de surdos parece enquadrar-se no que foi chamado de *estilo reduzido*. Este é um termo que pretende descrever estruturas subsentenciais não finitas encontradas na fala de sujeitos afásicos com agramatismo, em telegramas, manchetes de jornal e, às vezes, na fala constituída. Nos estudos de Kleppa (2010), o ponto de partida é a fala de sujeitos afásicos (que sofreram alguma lesão cerebral e apresentam, como seqüela, uma linguagem alterada) com agramatismo (definido, pela Teoria da Adaptação, como fala sem conectivos e sem marcas de finitude verbal, num tempo de fala maior que o normal). Em termos de frequência de uso do estilo reduzido, apresentamos resultados de Kleppa (2010) de maneira resumida:

Registro		Fala reduzida
Sujeitos afásicos	MS	71%
	OJ	86%
Telegramas		71%
Manchetes de telejornal		9%
Manchetes de jornal impresso		15%
Sujeitos NURC		4%

Tabela 1: Frequência de estilo reduzido adaptada de Kleppa (2010)

A questão é que, se os sujeitos afásicos com agramatismo recorrem a uma fala em que não há conectivos, verbos ou marcas de finitude nos verbos e são interpretados pelos seus interlocutores, é porque a língua que eles falam permite essa operação. De fato, sujeitos entrevistados no âmbito do Projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta) usam subsentenças não finitas sem conectivos no diálogo, mas numa frequência expressivamente menor que os sujeitos agramáticos. Manchetes de jornal igualmente recorrem ao que Kleppa chama de estilo reduzido, mas em baixa frequência. Telegramas adotam a não finitude como característica (além dos conectivos serem apagados, os verbos se apresentam predominantemente no infinitivo e imperativo), o que aproxima a frequência de uso de estilo reduzido em sujeitos com agramatismo de telegramas. Contudo, o exame mais detido de telegramas e enunciados de sujeitos com agramatismo revela diferenças sintáticas (TESAK; DITTMANN, 1991 e KLEPPA, 2008, 2009, 2010, 2018). Essas diferenças não permitem – segundo os autores que as apontam – que se use

a metáfora do telegrama para descrever a fala agramática. Kleppa propôs *estilo reduzido*; e o objeto deste estudo, a escrita em português de alunos surdos, parece encaixar-se nesta descrição.

1. Pressupostos teórico-metodológicos

Tanto na Sintaxe como na Semântica formais, a sentença é a unidade com que se trabalha. Na sentença, o verbo conjugado atribui papéis sintáticos, caso, papéis temáticos, enfim, determina quantos e quais argumentos orbitam à sua volta. As unidades com as quais lidamos neste trabalho não apresentam as características de uma sentença. Podemos chamá-las de subsentenças ou *nonsententials*, conforme Elugardo e Stainton (2005), ou podemos chamá-las de *cláusulas*, que compõem uma unidade informacional.

No âmbito da Neurolinguística Discursiva, que investiga a fala patológica para iluminar processos da fala constituída, foi desenvolvido o conceito de *estilo reduzido* (KLEPPA, 2008, 2009, 2010 e 2018) para descrever a linguagem de sujeitos afásicos com agramatismo – que costumam ser descritos, na literatura, como *estilo telegráfico* ou *elíptico*. Em geral, estudos sintáticos que analisam a fala de sujeitos afásicos com agramatismo apontam a omissão ou substituição de conectivos, ordem de palavras caótica e ausência de flexão.

A Neurolinguística de orientação enunciativo-discursiva nasce, em meados da década de 80, justamente para se contrapor a um discurso que chamamos de “tradicional” no campo das patologias, que privilegia as dicotomias e cujas reflexões não incluem as teorias linguísticas (COUDRY, 1986/1988). Quando estas estão presentes, em geral se restringem à aplicação de modelos estruturalistas ou gerativistas, que não foram formulados para dar conta do uso efetivo da linguagem ou da relação do sujeito com a língua, nem para explicar questões relativas ao seu funcionamento nas patologias (COUDRY, 1986/1988; NOVAES-PINTO, 1999; NOVAES-PINTO e SANTANA, 2009a, e 2009b). A complexidade da linguagem é geralmente reduzida à análise das estruturas da língua (aspectos fonético/fonológicos, sintáticos, lexicais), dando origem não só aos protocolos de avaliação de natureza exclusivamente metalinguística, mas também aos manuais terapêuticos centrados em tarefas e exercícios descontextualizados, como a leitura/repetição/produção de unidades abstratas da língua (sons, sílabas, listas de palavras e sentenças), pautadas por uma concepção de língua como sistema estático, como código, apartado das condições de produção e das atividades reais dos sujeitos. (NOVAES-PINTO, 2012, p. 58)

Na contramão dos estudos que encaram a sequela da lesão cerebral como uma janela direta para o *déficit* linguístico, a Teoria da Adaptação, desenvolvida por Kolk e colegas no âmbito da afasiologia, parte do princípio de que a fala agramática é resultado de uma adaptação que o sujeito afásico performa em virtude de sua dificuldade de

sincronizar operações sintáticas simultâneas num tempo de fala aceitável para o ouvinte. O resultado é uma fala simplificada. A Teoria da Adaptação não entende que o sujeito afásico apague unidades de uma sentença completa, porque isso significaria uma sobrecarga computacional para o sujeito afásico:

A fala agramática [...] poderia ser o resultado de um “comportamento de esquiva”, similar ao que Heeschen (1980) propôs para a compreensão agramática. Então omissões agramaticais seriam produzidas quando os pacientes não tentassem mais construir sentenças completas, mas adotassem tipos de sentenças que requerem menor capacidade (KOLK; HEESCHEN, 1992, p. 94, tradução nossa¹).

A Teoria da Adaptação usa os termos *estilo telegráfico/elíptico* de maneira descritiva, contudo não acreditamos que as metáforas façam jus às construções produzidas além do telegrama/elipse. Nas seções seguintes, discutiremos cada um desses termos.

2.1 Estilo telegráfico

Ao comparar telegramas com a fala agramática, Tesak e Dittmann (1991) e Kleppa (2008, 2009, 2010 e 2018) perceberam mais diferenças que semelhanças. As diferenças dizem respeito à modalidade (escrita/falada), ao tempo de produção (desconhecido/ cronometrado), conseqüentemente ao planejamento do material linguístico. Num telegrama, paga-se por palavra. Dependendo do preço atingido, o usuário pode apagar palavras. Por outro lado, não acreditamos que o sujeito afásico envolvido numa conversa informal tenha tempo para testes, porque está submetido à pressão temporal intrínseca ao diálogo. Além disso, as motivações para se escrever um telegrama e para manter uma conversa informal são diversas.

Em termos sintáticos, a finitude do verbo e a ordem das palavras são grandes marcos na diferenciação entre telegramas e a fala agramática: ao passo que nos telegramas proliferam formas nominais do verbo (principalmente o infinitivo), na fala afásica predominam cláusulas sem verbo; enquanto a ordem SVO + adjuntos é mantida nos telegramas (preposições são simplesmente apagadas), a ordem predominante na fala

¹Agrammatic speech [...] could be the result of “avoidance behaviour”, similar to what Heeschen (1980) has proposed for agrammatic comprehension. Agrammatic omissions would then be produced when the patients no longer tried to construct complete sentences but shifted to utterance types that require less capacity (KOLK; HEESCHEN, 1992, p. 94).

reduzida dos sujeitos afásicos nos dados de Kleppa (2008, 2009, 2010 e 2018) é de tópico-comentário.

Apesar de a Teoria da Adaptação trabalhar com omissões e substituições de conectivos, adotamos por princípio a não reconstituição de sentenças em que “faltam” preposições ou conjunções por dois motivos: (i) porque estaríamos admitindo o apagamento de conectivos durante o planejamento sintático e (ii) porque observamos outras soluções encontradas pelo sujeito. No caso dos sujeitos afásicos, podemos pensar que a estrutura tópico-comentário é uma dessas soluções, já que é possível não haver integração sintática entre o tópico e o comentário, favorecendo, assim, a ausência de preposições. Já no caso da escrita de surdos, veremos construções alternativas ao uso de conjunções.

2.2 Elipse

Definir *elipse* não é simples, mesmo porque autores que lidam com o fenômeno (ELUGARDO e STANTON, 2005) distinguem três tipos de elipse: (1) pragmática, em que a informação elidida é recuperada do contexto da interação (Ex: *Me passe o livro* – em que *eu* e *livro* estão especificados no contexto extralinguístico); (2) semântica, em que uma expressão formulaica é interpretada semanticamente apesar não ser sintaticamente completa (Ex: *A conta* – dito para o garçom depois de encerrada a refeição); (3) sintática, em que a unidade elidida pode ser recuperada através de um elemento na cadeia (Ex: *João comeu peixe e Maria também* – em que *também* licencia a elipse de *comeu peixe* na segunda oração).

O conceito de elipse recai, então, sobre o material linguístico elidido e recuperável linguisticamente através de licenciadores, assim como serve para descrever casos em que o contexto extralinguístico é capaz de preencher os referentes vagos no discurso. Em ambos os casos, o conceito de elipse não dá conta de descrever a ausência de conectivos.

2.3 Estilo reduzido

Neste sentido, estabelecemos que o estilo reduzido seja resultado de um planejamento sintático simplificado, apresentando algumas peculiaridades, a saber: não finitude (*nonfiniteness*), ordem de palavras não canônica e baixa frequência de

conectivos. Em Kleppa (2009 e 2010), o conceito de estilo reduzido é usado para descrever a fala de sujeitos afásicos com agramatismo, telegramas, manchetes de jornal e a fala de sujeitos não afásicos. Neste estudo, pretendemos estender o conceito à escrita (em português) de surdos cuja língua materna é libras.

3. Metodologia

Como se trata de material coletado num grupo de WhatsApp, é preciso descrever minimamente a escrita dos outros participantes, para que não se pense que neste grupo é usado um pidgin – um meio-termo entre libras e português que serve para fins comunicativos apenas e não dispõe de regras consolidadas como numa língua natural. Destacamos um grupo controle, composto por duas professoras do curso (uma surda, outra ouvinte) e duas alunas ouvintes. No mesmo período em que recortamos os dados dos alunos surdos, recortamos os dados do grupo controle e chegamos, aproximadamente, ao mesmo volume de material linguístico produzido pelos alunos surdos aprendizes de L2 e o grupo controle.

3.1 Grupo controle

Para preservar a identidade dos sujeitos, usamos P para indicar quando se trata de professor e A quando se trata de aluno. Neste grupo controle, uma professora é surda, a outra, ouvinte e as alunas são ouvintes. O número usado para diferenciá-las faz parte do seu número de telefone. Discriminando a finitude do verbo, preposições, conjunções, ortografia e tópico-comentário, chegamos à caracterização da escrita do grupo controle, resumida na *Tabela 2*:

	Finitude do verbo				Preposições	Conjunções	Ortografia	Cláusulas total	TC
	V conj	*V	V n-fin	sem V					
P ouv	18	1	8 impe 6 inf	5	36	13	14 Acent 6Abrev	29	-
P sur	8	-	5 impe 2inf	2	5	-	2Acent 4Abrev	16	-
A71	30	-	1inf	2	40	9	2Acent	28	1
A54	17	2	1inf	6	17	5	2Acent	17	-

Tabela 2: Caracterização da escrita do grupo controle

Para ilustrar as informações contidas na *Tabela 2*, apresentamos, nas seções seguintes, exemplos coletados no grupo controle. A fonte do dado sempre será indicada entre parênteses, após o dado.

3.1.1 Finitude do verbo

Quanto à finitude do verbo, podemos observar em (1) o verbo conjugado; no dado (2), a concordância de número não foi realizada entre o sujeito e o verbo (marcada, na tabela, pelo asterisco); no dado (3) temos o verbo no infinitivo, ou seja, em sua forma nominal; e em (4) observamos uma cláusula sem verbo.

- (1) Hoje **tem** aula na sala de laboratório (Psur)
- (2) O livro e artigos da Lacerda é muito top (Pouv)
- (3) Filha **nasc**er? (Pouv)
- (4) Muito bom esse livro (A54)

Note-se que em (4) a ordem das palavras não é canônica, mas tópico-comentário. Este é o único exemplo de tópico-comentário encontrado nos dados do grupo controle.

A maior diferença no tocante à finitude do verbo parece estar entre as professoras e as alunas: as professoras lançam mão do imperativo com maior frequência que do infinitivo, mas o infinitivo é comum a todos os sujeitos do grupo controle. No entanto, no quadro mais geral, as professoras usaram ligeiramente mais enunciados não finitos que finitos (recorrendo mais vezes ao verbo não conjugado que à cláusula sem verbo), ao passo que as alunas usaram claramente mais enunciados com verbo conjugado que construções não finitas (e mais construções sem verbo que com verbo não conjugado). Os desvios de concordância dizem respeito à categoria de número.

3.1.2 Preposições

A variedade e frequência das preposições que aparecem no grupo controle é significativamente maior que o que observamos no grupo dos alunos surdos (cf. *Tabela*

5). Na *Tabela 3* detalhamos as preposições que ocorrem na escrita de cada sujeito e sua frequência:

	entre	sem	com	por	a	para	em	de
Pouv	-	1	1	2	2	6	7	16
Psur	-	-	1	-	-	-	1	3
A71	1	2	1	-	2	2	12	20
A 54	-	-	1	2	-	2	2	10

Tabela 3: Preposições presentes no grupo controle

O grau de gramaticalização das preposições está relacionado à frequência com que se apresentam: as mais gramaticalizadas são as mais frequentes (ILARI *et al*, 2015). Seguem alguns exemplos de uso de preposição, inclusive suas lacunas – que não são contabilizadas neste estudo:

- (5) Perto parada **de** ônibus (Pouv)
- (6) Ela pode ir **de** mototaxi (Psur)
- (7) Nossa, estou **em** choque (A54)
- (8) Isso é **pra** tudo **na** vida (A71)

Em relação à variedade de preposições usadas por cada sujeito, destacamos a professora surda, que usou apenas três preposições diferentes (sem qualquer desvio ou troca).

3.1.3 Conjunções

Vale notar que a professora surda não fez uso de conjunções no recorte de dados analisados. Uma hipótese para explicar sua ausência é a baixa frequência de conjunções em libras, sua língua materna.

	ou	no entanto	como	até porque	*mais	onde	mas	se	que	e
Pouv	1	-	1	1	1	-	-	-	3	6
Psur										
A71	-	-	1	-	1	1	1	-	1	4
A 54	1	1	-	-	-	-	-	2	-	1

Tabela 4: Conjunções presentes no grupo controle

Na *Tabela 4* estão as conjunções que apareceram no recorte de dados e sua frequência. A seguir apresentamos exemplos de uso dessas conjunções:

- (9) Vcs salvem para estudo **e** etc (Pouv)
- (10) Obrigada **mais** esqueci de jogar no lixo [bombinha encontrada] (A71)
- (11) Alguém sabe me dizer **se** tem aula do professor João? (A54)
- (12) **Ate porque** sabemos da dificuldades para encontrar materiais (Pouv)

3.1.4 Ortografia

Uma característica exclusiva do grupo controle apresentado neste estudo diz respeito à acentuação gráfica e abreviação. Como se pode observar na *Tabela 2*, as alunas do grupo controle não usam abreviações, apenas as professoras. No tocante à acentuação, todos os sujeitos apresentam acentuação desviante – as professoras mais que as alunas. É possível que o nível de policiamento da linguagem seja maior por parte das alunas que das professoras.

- (13) **Vcjavovo?** (Pouv)
- (14) Ah **q** bom (Psur)
- (15) Precisando de atendimento estou **a** disposição (A71)
- (16) **Está** aprovação é fruto da manifestação (A54)

Na escrita dos alunos surdos aprendizes de L2, a acentuação desviante não foi observada. Em Linguística Aplicada, mais especificamente na área de Análise de Erros (AE), já foi estabelecida uma hierarquia de erros que alunos de língua estrangeira apresentam. Segundo McCretton e Rider (1983), poucos erros de ortografia aparecem na

escrita de aprendizes de língua estrangeira – possivelmente porque não desenvolveram ainda intuições na língua alvo.

3.1.5 Tópico-comentário

A estrutura de tópico-comentário tem ganhado visibilidade na literatura sobre sintaxe em língua portuguesa a partir de Pontes (1987) e está paulatinamente ganhando sua devida atenção, como podemos notar nos trabalhos de Perini (1995), Abreu (2003), Belford (2006), Orsini e colegas (2003, 2007 e 2011) e Kleppa (2014). Nas construções de tópico-comentário, tem-se a seguinte configuração: um tópico na margem esquerda e um comentário que pode ser uma sentença completa.

Segundo Jacobs (2001), a principal característica de tal estrutura é a separação formal entre o tópico e o comentário. Neste sentido, Moraes e Orsini (2003) apontam para padrões prosódicos que caracterizam os diferentes tipos de construções de tópico-comentário. Qualquer elemento linguístico – exceto um SV em que o verbo esteja flexionado – pode figurar como tópico, e assim os graus de integração sintática do tópico com o comentário são variáveis. Num extremo de mínima integração sintática, a relação entre o tópico e o comentário precisa ser feita pela via semântica ou discursiva.

Levando em consideração os graus de integração entre o tópico e comentário, autores como Orsini diferenciam quatro tipos de construções tópico-comentário:

- anacoluto, ou tópico pendente – que Jacobs (2001) chama de *hangingtopics* –, em que não há integração sintática entre o tópico e o comentário. O tópico assume a função de moldura (*frame*) para o comentário;
- topicalização, em que se pode considerar o deslocamento à esquerda de algum elemento do comentário. Existe, portanto, vinculação sintática entre tópico e comentário;
- tópico-sujeito, em que o tópico é reinterpretado como sujeito do comentário;
- deslocamento à esquerda, em que o tópico é retomado por meio de pronome cópia no comentário que assume a posição de sujeito.

Na fala informal, o deslocamento à esquerda é mais frequente e mais facilmente identificado, mas, no *corpus* deste estudo, este tipo de construção não foi detectada. O dado (4), única ocorrência de construção de tópico-comentário coletada no grupo

controle, é um exemplo de topicalização em que o tópico poderia ser encaixado no interior do comentário. Perini (1995) chama esse tipo de tópico de *tópico sentencial*.

4. Estilo reduzido na escrita de surdos aprendizes de português como L2

Para preservar a identidade dos alunos, eles serão identificados com os algarismos finais de seus números de telefone: 05, 24, 52 e 91.

	Finitude do verbo				Preposições	Conjunções	Pronomes excedentes	Cláusulas total	TC
	V conj	*V conj	V inf	sem V					
A24	17	2	15	6	de (2)	-	2	33	3
A05	10	5	15	5	de (2) pra (2)	discurso dir. <i>ou talvez</i>	2	31	2
A91	7	1	5	8	para (3) de (2) com (2)	porque por causa	1	18	3
A52	2	-	-	-	de	-	-	2	-

Tabela 5: Caracterização da escrita dos alunos surdos

Uma primeira observação que podemos fazer é que o volume de cláusulas por sujeito é similar àquele apresentado no grupo controle – exceto A52, que produziu apenas duas cláusulas no período em que os dados foram coletados. Como havia somente quatro alunos surdos na turma, optou-se por mantê-lo no grupo.

4.1 Finitude do verbo

Considerando que a concordância verbal é um elemento de conexão no interior da oração, a manifestação da finitude é analisada. No dado (17), temos um verbo conjugado; no dado (18), aparece apenas o auxiliar conjugado (contabilizado como conjugação desviante); no dado (19), observamos uma conjugação verbal dissonante com o sujeito (em terceira pessoa, mas o verbo conjugado na primeira); no dado (20), estamos diante de uma cláusula sem verbo conjugado, mais especificamente com o verbo no infinitivo; e no dado (21), por fim, nos deparamos com uma cláusula sem verbo.

(17) Prefeito **tá** problema de cabeça mental (A52)

- (18) Talvez **vai** greve (A05)
- (19) Ariana não **estou** responde mim nada (A05)
- (20) Hoje **ter** aula? (A24)
- (21) Hoje meu aniversário sim (A24)

De modo geral, observamos mais problemas de concordância verbal no grupo alvo que no grupo controle – além de problemas de concordância que não ocorrem no grupo controle – e maior frequência de cláusulas sem verbo que cláusulas com verbo não conjugado (exceto no caso de A52).

4.2 Preposições

As preposições que aparecem podem ser analisadas quanto ao seu grau de gramaticalização e, no contexto maior, de formação de *chunks* (BYBEE, 2016). *Chunking* é definido como o processo de rotinização de formas pelo uso. Se considerarmos *pudim de leite, bolo de creme e pra casa* como formas cristalizadas pelo uso, temos *chunks* em (22) a (26):

- (22) Meu irmão vender sim pudim **de** leite 3 reais (A24)
- (23) Meu irmão me disse mais tem bolo **de** cremes sim (A24)
- (24) Agora ir vou **pra** casa (A05)
- (25) Levar **pra** casa Lucivana (A05)
- (26) Ela vai moto taxi **para** casa (A91)

Como as preposições mais gramaticalizadas podem ser amalgamadas a artigos, pronomes e advérbios (ILARI *et al*, 2015) e como foi observado o uso de pronomes reduplicadores, a preposição aparece amalgamada ao pronome excedente:

- (27) Levar moto **dele** Reijano (A05)

Os usos desviantes de preposições são os seguintes:

- (28) Reijano ajudar **dela**(A05)

- (29) Reijano ajudar **com** ela (A91)
- (30) Reijano vai ajudar moto **com** levar **para** ela (A91)
- (31) Abençoe **pra** Reijano (A91)
- (32) Obrigada eu amo **do** meu amigo (A91)

Note-se que são sempre preposições mais gramaticalizadas que aparecem onde não são esperadas. Pode haver aí interferência da língua materna, em que as preposições não são sinais discretos, portanto o aprendiz de língua estrangeira não tem familiaridade com elas.

4.3 Conjunções

Nos dados (33) e (34), observamos o uso de conjunções. O assunto no grupo de WhatsApp é a aluna surda que, depois de sair da aula, ficou sozinha de noite no centro da cidade, sem dinheiro para táxi:

- (33) **Por causa** horário acabar UNIR (A91)
- (34) Melhor horário cedo embora **porque** horário ônibus (A91)

Já nos dados (35) a (36), observamos estratégias diferentes assumindo a função de conjunções. Em (35), no lugar de *que* (*Chefa falou que quer declaração*), vem o discurso direto. Em (36), no lugar de *se* (*Mas eu não sei se hoje haverá aula*), vem *ou talvez*:

- (35) Chefa falou **quero prova declaração** (A24)
- (36) Mas eu não sei hoje haverá aula UNIR **ou talvez** (A05)

Não foram observadas estratégias sintáticas como estas no grupo controle.

4.4 Pronomes excedentes

O uso de pronomes reduplicadores é específico dos alunos surdos no grupo de WhatsApp da turma de Libras da UNIR. Nos dados (40) e (41), o nome da pessoa referida pelo pronome é elicitado cataforicamente (mas no interior da mesma sentença). Já nos dados (37) a (39), o pronome acusativo (*me*) é reforçado pelo dativo (*mim*).

- (37) Sim, quem saber quer ou quer **me** avisa mim(A24)
- (38) Indira **me** responde mim? (A24)
- (39) Ele **me** falou comigo (A91)
- (40) Falta declaração **dela** Ariana (A05)
- (41) Levar moto **dele** Reijano (A05)

“Quadros & Karnopp (2004, p.170) afirmam que o termo duplicado ocupa a posição final nas construções com foco” (LIRA, 2014, p. 92). Ou seja, é a estrutura de libras transparecendo no português escrito.

4.5 Construções de tópico-comentário

Na seção 3.1.5 já foi apresentada uma possível tipologia de construções de tópico-comentário em português. Como veremos, no grupo alvo ocorreram topicalizações e *hanging topics*. No caso de (42) e (43), pode-se pensar em deslocamento de unidades do final da cláusula para a posição inicial (portanto, com alta integração sintática entre tópico e comentário):

- (42) Ruim ônibus roosevett (A91)
- (43) Muito tarde as hora (A91)

Nos dados a seguir, não há integração sintática entre o tópico e o comentário. O tópico funciona antes como moldura para o que é afirmado no comentário.

- (44) Gostei aula bom (A24)
- (45) Eu aqui supermercado Gonçalves (A05)
- (46) Hoje sintaxe (A24)
- (47) Hoje azar prejuízo greve Brasil (A05)

Em estruturas de tópico-comentário, a qualidade da informação ganha destaque. Nesse sentido, é possível equiparar o tópico ao tema (informação dada) e o comentário ao rema (informação nova). Uma maneira gráfica de diferenciar tópico de comentário

seria usando dois pontos (*Gostei: aula bom/ Hoje: sintaxe*), já que, para Dahlet (2006), a função de dois pontos é distribuir tema e rema à esquerda e à direita do sinal.

5. Resultados

Contrastando o grupo controle com o grupo alvo, observamos que, em termos de finitude, as alunas do grupo controle usam mais construções em que o verbo aparece conjugado. Quando há desvios, é a concordância de número que não está sendo mantida. Essa tendência não é observada na escrita dos alunos surdos aprendizes de português escrito como L2 – em que predominam enunciados não finitos (com uma exceção: um aluno que participou da conversa com apenas dois enunciados). Os desvios do grupo alvo são mais diversificados: não apresentam concordância de tempo/pessoa, entre auxiliar e verbo principal. Em termos gerais, a conexidade no interior das subsentenças é maior no grupo controle. Contudo, as professoras mostram índices de finitude e não finitude equilibrados. Isso se explica em parte porque lançam mão de imperativos, em parte porque, deliberadamente, adotam a forma infinitiva (*Sim, ter aula*).

Grupo controle					Grupo alvo				
	Finitude do verbo					Finitude do verbo			
	V conj	*V	V n-fin	sem V		V conj	*V	V n-fin	sem V
P ouv	18	1	8 impe 6inf	5	A24	17	2	15	6
P sur	8	-	5 impe 2inf	2	A05	10	5	15	5
A71	30	-	1inf	2	A91	7	1	5	8
A54	17	2	1inf	6	A52	2	-	-	-

Tabela 6: Contraste entre grupo controle e grupo alvo no quesito finitude

Atentando para os conectivos, as diferenças entre o grupo controle e o grupo de alunos surdos aprendizes de português escrito saltam aos olhos.

Grupo controle				Grupo alvo			
	Prep	Conj	TC		Prep	Conj	TC
Pouv	36	13	-	A24	2	-	3
Psur	5	-	-	A05	4	discurso dir.	2

						<i>ou talvez</i>	
A71	40	9	1	A91	7	2	3
A54	17	5	-	A52	1	-	-

Tabela 7: Contraste entre o grupo controle e o grupo alvo no quesito conectivos e ordem de palavras

Em relação ao uso de conectivos, observamos que a professora surda, inserida no grupo controle, tem um desempenho próximo ao dos alunos surdos aprendizes de L2 do grupo alvo: poucas preposições e nenhuma conjunção. As preposições usadas são todas muito frequentes e produtivas na língua portuguesa (KEWITZ *et al*, 2018). Isso nos dá pistas de que a língua materna dos surdos, libras, interfere na escrita da língua portuguesa – mesmo a professora surda sendo fluente em português escrito.

No tocante à ordem de palavras, que consideramos ser um elemento de conexão da sentença, observamos algumas construções de tópico. Construções de tópico são possíveis em português, como se pode verificar no dado (4), produzido no âmbito do grupo controle. Para Kleppa (2018), a diferença mais marcante entre telegramas e fala de sujeitos afásicos com agramatismo (cuja fala é comumente descrita como “fala telegráfica”) é a ordem de palavras. Enquanto nos telegramas a ordem canônica é mantida (e os conectivos são simplesmente apagados), na fala agramática os conectivos não aparecem porque a ordem das palavras é tópico-comentário. *Hangingtopics* são o tipo de construções de tópico-comentário mais frequentes na fala de sujeitos afásicos com agramatismo (KLEPPA, 2018).

Tópico-comentário é uma estratégia discursiva de organizar a informação. Tomando os pressupostos filosóficos da Teoria da Adaptação como base, podemos pensar que tanto o sujeito afásico com agramatismo como o aprendiz de L2 estão submetidos a pressões no diálogo (seja de tempo, seja de forma linguística). Essas pressões provocam uma adaptação do sujeito à situação comunicativa: o sujeito planeja sentenças sintaticamente simples – que descrevemos como estilo reduzido–, as quais têm como característica a não finitude, ordem de palavras não canônica e escassez de conectivos. As maneiras como se manifesta o estilo reduzido variam conforme as condições do sujeito que o produz.

Referências Bibliográficas

ABREU, A. S. *Gramática mínima: para o domínio da língua padrão*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

BELFORD, Elaine de Moraes. *Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca: um estudo sociolinguístico*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

BYBEE, Joan. *Língua, uso e cognição*. São Paulo: Cortez, 2016.

DAHLET, Véronique. *As (man)obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

ELUGARDO, Reinaldo; STANTON, Robert J. *Ellipsis and nonsentential speech*. Studies in Linguistics and Philosophy, v. 81. Springer, 2005.

ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba T.; LEITÃO, Maria Lúcia; KLEPPA, Lou-Ann; BASSO, Renato M. A Preposição. In: ILARI, R. (Org.) *Palavras de classe fechada*. Gramática do Português Culto Falado no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015, p. 163 – 310.

JACOBS, Joachim. The dimensions of topic-comment. *Linguistics*, 39, p. 641 – 681, 2001.

KEWITZ, Verena; ALMEIDA, Maria Lúcia Leitão; SOUZA, Janderson Lemos; GONÇALVES, Carlos Alexandre. As preposições: aspectos históricos e usos atuais. In: LOPES, Célia Regina (Coord.) *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. História do português brasileiro. São Paulo: Contexto, 2018, p. 294 – 385.

LIRA, Magnolia de Souza. *Ordem dos termos em estruturas oracionais na língua de sinais brasileira: um estudo em narrativas infantis*. 2014. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

KLEPPA, Lou-Ann. *Preposições ligadas a verbos na fala de uma criança em processo de aquisição de linguagem e de dois sujeitos agramáticos em processo de reconstrução de linguagem ou “Eu e você? Diferente.”*. 2008. Tese (Doutorado) – IEL/UNICAMP, Campinas.

_____. Fala reduzida em sujeitos afásicos e outros registros. *Estudos Linguísticos*, vol. 38 (2), p. 249 – 258, 2009.

_____. ‘Estilo reduzido’ em sujeitos agramáticos, não-afásicos, telegramas e manchetes. *Revista L@elem (Dis)curso*, vol.2, p. 93–108, 2010.

_____. Estruturas de tópico-comentário na fala reduzida de um sujeito afásico. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 43, n. 2, p. 926 - 939, 2014.

_____. Telegramas e “fala telegráfica”. *Estudos Linguísticos*, vol. 47, n. 2, p. 557-572, 2018.

KOLK, Hermann; HEESCHEN, Claus. Agrammatism, paragrammatism and the management of language. *Language and Cognitive Processes*, 7, p. 89-129, 1992.

McCRETTON, E.; RIDER, N. Error gravity and error hierarchies. *IRAL*, 21, p. 177-88, 1983.

MIRANDA, João Paulo Vitório. *Voz passiva em Libras? Ou outras estratégias de topicalização?* 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília.

MORAES, João Antônio; ORSINI, Monica Tavares. Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. *Letras de Hoje*, v. 38, n. 4, p. 261-272, 2003.

NOVAES-PINTO, Rosana do Carmo. Cérebro, linguagem e funcionamento cognitivo na perspectiva sócio-histórico-cultural: inferências a partir do estudo das afasias. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n. 1, p. 55-64, 2012.

ORSINI, Monica Tavares; VASCO, Sérgio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. *Diadorim*, v.2, p. 83 – 98, 2007.

ORSINI, Monica Tavares; DE PAULA, Mayara Nicolau. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: um estudo de tendência. *Investigações*, v. 24, p. 237 – 258, 2011.

PERINI, Mário A. *Gramática Descritiva do Português*. São Paulo: Ática, 1995.

PIZZIO, Aline Lemos. *A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construção com tópico e foco*. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira; QUADROS, Ronice Müller. *Língua Brasileira de Sinais VI*. Florianópolis, 2010. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecifico/linguaBrasileiraDeSinaisVI/assets/619/TEXT0_BASE_-_LIBRAS_VIn.pdf. Acesso em 05/10/2018.

PONTES, E. *O tópico no português do Brasil*. Campinas: Editora Pontes, 1987.

QUADROS, Ronice Müller. *Phrase structure of brazilian sign language*. Tese (Doutorado) – PUCRS, Porto Alegre, 1999.

TESAK, J.; DITTMANN, J. Telegraphic style in normals and aphasics. *Linguistics*, 29, p. 1111 – 1137, 1991.

Abstract

The present study investigates clauses with no connective words or connectivity in clauses written by four deaf students enrolled in the regular Sign Language course at the Federal University of Rondônia. The concept of *reduced style* is applied to the data. Reduced style was developed by Kleppa (2008, 2009, 2010 and 2018) and defined as the result of simplified syntactic planning, showing non finiteness (either there are no verbs or no inflected verbs), non canonical word order and low frequency of connective words. The data is qualified as

spontaneous writing and was produced along four months in the class' WhatsApp group. In order to describe the written material in this group, a control group (within the WhatsApp group) of four other subjects was formed. Results from the control group are contrasted with results from the deaf students' group. The result is that the concept of reduced style can be used to describe agrammatic speech, telegrams, headlines and the writing of deaf students learning Portuguese as a second language – but each register presents with specific characteristics in respect to non finiteness, word order and the use of connective words.

Keywords: Reduced style; Deaf students' writing; Connective words; Connectivity.